

Ha anos, em ^qclunas do "Correio Popular", de Campinas, rememoramos três Guilhermes que se ligaram por fates de suas vidas; hoje vim^s trazê-los de novo ao abrigo de nossa Academia, em novos comentários e em disposições contrárias, pois si dispuzemos então, em primeiro lugar o ^{da Silva} de Almeida seguido pelo ^{Almeida} da Silva e pelo Figueredo, hoje começaremos pelo ^{último} primeiro, ^{seguido pelo segundo} conservando o ^{segundo} primeiro para finalizar com o terceiro, o "príncipe dos poetas".

Guilher^{me} Figueredo nasceu em Campinas aos 13 de fevereiro de 1915; bacharelou-se em direito para alçar a glória de escritor primoroso. De seus livros, um dos primeiros (1936) foi "Um violino na Sombra", versos que tem sua musicalidade em ameno sombrio, que oferece aos ouvintes:

MONJA

Na penumbra do claustro, no precário
Afazer cotidiano, uma alma vela;
Martir da vida, ao tétrico Calvário
De Deus leva seus sonhos de donzela.

Traz ao peito um tristonho escapulário:
Seu coração dorido. E os olhos dela,
A meditar, percorrem o rosário
Da dor, que em suas mãos desnovela.

Ao Cristo abandonou-se resignada,
Já farta de existir e indiferente
Espera a morte, a gelidez, o nada.

Mas ao ve-la a tristeza me aquebranta,
Pois, se não foi mulher, para ser crente,
Quantos sonhos matou para ser santa!

outros sonetos:



Quando a nave ergue as velas, as mãos postas
Súplices para o deus da tempestade,
Pedindo paz e remansosas costas,
A pomba da arca, o porto de piedade,